

COLÉGIO PAROQUIAL NOSSA SENHORA DO CARMO

Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.

Rua Antônio Felipe, 780 – Fone/Fax (44) 3421-8220 – Paranavaí – PR

www.colegioparoquial.com.br

S A L M O S

1 - Introdução: Os Salmos Bíblicos e a Liturgia

Nos diversos países da América Latina, uma característica das comunidades cristãs populares é seu forte amor à Bíblia. O livro dos Salmos é de toda a Bíblia uma das partes que os grupos mais utilizam e amam. Várias pessoas explicam o porque desta preferência: *“a Bíblia toda a gente escuta ou lê. Os Salmos a gente canta”*.

Apesar disso, parece que os Salmos ainda não penetraram na sensibilidade litúrgica da maioria das comunidades. Quem investiga os livros de cânticos litúrgicos das dioceses católicas e evangélicas pode constatar que entre os cânticos mais usados pelas comunidades, há poucos Salmos. Por que? Por que as massas católicas e as comunidades preferem cantar hinos de conteúdo teológico e espiritual superficiais ou teologicamente duvidosos e não se interessam tanto pelos Salmos da Bíblia?

É urgente aprofundar a relação fecunda entre os Salmos da Bíblia e a Liturgia judaica e cristã.

1 – A Liturgia, Berço dos Salmos.

Até hoje, em nossas Bíblias, figuram os títulos hebraicos dos salmos. Não correspondem a indicações históricas exatas, mas testemunham como as antigas comunidades do povo de Deus viam os salmos. A maioria destes títulos alude a instrumentos de música, a festas, a entrada no templo, a procissões e a sacrifícios. Muitos salmos se referem a Davi e outros levitas e cantores do templo como os filhos de Core e de Asaf. Estas indicações já nos mostram que o livro dos Salmos pode mais ser comparado com nossos livros de cântico nas Igrejas do que com uma coletânea de orações individuais.

Em Israel do antigo Testamento havia dois tipos de culto. Um era vivido nas pequenas aldeias do interior e nos santuários locais; mais domésticos e familiar. O outro era o culto oficial no templo de Jerusalém, dirigido pelos sacerdotes e levitas. Era a liturgia mais ligada aos sacrifícios de animais. Nas festas, reunia o povo todo.

Possivelmente, os salmos de súplica individual e lamentação nasceram e se desenvolveram mais no ambiente do culto do interior, enquanto os de louvor, ação de graças e procissões rituais vieram da liturgia oficial no templo de Jerusalém.

No templo de Salomão se faziam três grandes festas anuais. O povo vinha em peregrinação, ofereci sacrifícios e cantava salmos. Mais tarde, depois do cativo da Babilônia, o Saltério se tornou o “livro de oração do segundo Templo”. Até hoje, em

nossas Bíblias, o salmo 30 tem como título: “canto para a dedicação do templo”. O salmo 92 é intitulado: “canto para o dia de sábado”.

Pouco a pouco, nos cultos do templo, a prece individual também foi assumida como oração litúrgica. O salmista pede emprestada a palavra de um indivíduo para expressar a oração da comunidade e, outras vezes, empresta a voz da comunidade para servir à oração de alguém.

Com a diáspora, os Salmos se tornaram peça chave do culto das sinagogas. O salmo 41 expressa esta mudança na espiritualidade: *“Tu não queres sacrifícios, nem oferta (no templo). Ao invés disso, me abres o ouvido. Não pedes holocausto expiatório. Então, eu digo: “Aqui estou”. Está escrito no livro – “para fazer a tua vontade”. Meu Deus, eu quero ter a tua lei dentro das minhas entranhas”...* (Sl 40,7-9).

2 – Teologia Litúrgica dos Salmos

O livro dos Salmos reflete um pensamento fundamental para relatar os grandes textos bíblicos: a teologia da Aliança que vê a relação do ser humano com Deus como um casamento de intimidade e amor. A Aliança da uma linguagem própria aos salmos e através deles a toda a liturgia. Não trata Deus a distância. De tal forma Ele está conosco que, *“mesmo que meus pais me abandonassem, o Senhor está sempre comigo”* (Sl 27).

A expressão que mais aparece nos salmos é o apelo por salvação. O vocabulário bíblico da salvação supõe o clima da aliança. Dizer “salva-me”, *“Tu és o Deus de nossa salvação”* significa: *“cumpre a tua promessa. Recorda que eu te pertenço. Tu tens um compromisso comigo”*. A salvação é a responsabilidade de Deus na relação da aliança.

Na cultura judaica antiga Deus é Go-el, o parente mais próximo, responsável por exigir justiça para seu parente frágil: aquele que segundo a lei, teria direito a cobrar com o sangue o assassinato do seu filho, filha, pai ou mãe. No caso de Deus a salvação revela que Ele realiza o que prometeu e é fiel à aliança que fez com seu povo. Quem canta os salmos pedindo a Deus salvação sabe que pode cantá-los porque tem direito a invocar a promessa de Deus. é como quem cobra uma dívida de alguém íntimo. Só quem está dentro da relação da aliança pode dizer “salva-me” e só Deus pode salvar o povo da aliança. Santo Agostinho explica : *“Ninguém pode dizer a Deus: devolve-me o que te demos, porque, por sua promessa, Deus nunca deixará de nos proteger e salvar”*.

É esta consciência de aliança que faz com que os Salmos possam falar de Deus e com Deus sem nenhuma maquilagem. Nos salmos, quem ora expressa alegria e confiança, como também desabafa em termos de medo e de angústia e mesmo de raiva e vontade de se vingar. É a vida que nos traz estes sentimentos e emoções. O Salmo não os nega, nem os condena. Apresenta-nos a Deus em nossa realidade nua e crua para que Ele nos cure e salve.

3 – Os Salmos no Novo Testamento

A segunda geração cristã, responsável pelos textos do Novo Testamento, herdou das comunidades judaicas o sentido da importância do Saltério que eles viam

como ao lado da lei e dos profetas. Conforme esta visão, Jesus ressuscitado mostra aos discípulos em Jerusalém “tudo o que estava escrito sobre ele, na lei, nos profetas e nos salmos” (Lc 24,44).

Nos Atos dos Apóstolos, a exegese de Pedro e Paulo para anunciar a ressurreição de Jesus se insere no comentário de salmos como o salmo 2, o salmo 16 e o 110 (cf At 3,25-28;3,34;13,33ss). Ao serem libertados da prisão, Pedro e João reúnem a comunidade para orar e agradecer. A prece que fazem é o salmo 2, aplicado ao que estavam vivendo (cf At 4,24-30).

Nos textos do Novo Testamento, o livro dos Salmos é o mais citado de toda a bíblia. As cartas paulinas aconselham as comunidades: *“Encham-se do Espírito Santo, recitando salmos, hinos e cânticos espirituais”*(Ef 5,19). *“Com o coração agradecido, cantem a Deus salmos, hinos e cânticos inspirados”* (Col 3, 16).

4 – Na Tradição das Igrejas Antigas

As primeiras indicações de salmos no culto das igrejas vem do século IV, tanto em Jerusalém como em Alexandria e no Ocidente. “Só no século IV, as orações familiares, três vezes por dia, se tornam oração das comunidades.

Santo Agostinho diz: “Psalterium meum, gaudium meum”, “meu saltério, minha alegria”. Paula e Eustóquia, discípulas de São Jerônimo, relatou assim à sua amiga Marcela o que acontece em Belém: “Fora da oração dos salmos, tudo é silêncio. Para onde quer que te voltes, o lavrador, guiando o seu arado, canta o Aleluia, o que colhe suaviza o suor e o cansaço com os salmos, o vinhateiro, enquanto poda a sua vinha, canta algo dos salmos. Os salmos são os cânticos de amor que se cantam nesta região, este é o ruído dos pastores, é a arma da cultura”.

2 Os Salmos dentro da Bíblia

- O livro dos salmos não tem o monopólio da oração
- Amostra de como o Povo de Deus orava naquele tempo
- Modelo de como se pode orar
- Muleta na hora da precisão (Mc 15,34 // Sl 22,2)
- Quer produzir criatividade, suscitar novos salmos.
- História rezada
- Vai e vem entre Salmo e o resto da bíblia!
 - . Livros históricos
 - . Livros proféticos
 - . Livro da sabedoria

3 O Livro dos Salmos

Os salmos podem ser definidos como um livro coral. São 150 orações ou cantos das mais diversas épocas e autores, agrupados em diferentes coleções. Ex. Sl 53(52) – 14(13)

3.1– Divisão

Estão reunidos e organizados em 5 livros, todos eles com sua correspondente doxologia final.

1 – 41
42 – 72
73 – 89
90 – 106
107 – 150

São cinco partes (Pentateuco) É a resposta orante à lei! O lado orante da Lei de Deus!

Não é um só: assunto, pessoa, modelo, lugar!!!!!!

Alguns são muito antigos, anteriores ao próprio Israel!

Ex. Sl 29 – hino cananeu da tempestade!

Sl 104 – Hino egípcio.

Israel os adaptou à sua fé!

4 Origem e autoria

Em linhas gerais o contexto é o culto. Muitos salmos nasceram do culto e para o culto, outros tiveram sua origem na piedade individual e posteriormente encontraram seu lugar na liturgia. A coleção inteira, o saltério atual, parece ter sido utilizado como livro coral litúrgico do segundo templo.

Autoria: Pseudonímia – iniciativa de colocar o nome de um autor conhecido e consagrado para dar autoridade e prestígio!

5 Objetivo

- **Ter um manual de oração**
- **Preservar a memória (acervo cultural)**
- **Ajudar nas cerimônias e rezas**
- **Função educativa (aprender a história)**
- **Livro de Cânticos**

6 - Numeração e Texto

Em quase todas as edições da Bíblia, os salmos possuem dois números diferentes, um deles normalmente entre parênteses. Um dos números corresponde aos salmos da Bíblia hebraica; o outro na tradução grega, porém fora do âmbito litúrgico, é mais correta e normal citar os salmos segundo o original hebraico.

A correspondência entre as duas numerações é a seguinte:

| TEXTO HEBRAICO | TEXTO GREGO |
|-----------------------|--------------------|
| 1 a 8 | 1 a 8 |
| 9 – 10 | 9 |
| 11 a 113 | 10 a 112 |
| 114 | 113,1-8 |
| 115 | 113,9-26 |
| 116,1- 9 | 114 |
| 116,10-19 | 115 |
| 117 a 146 | 116 a 145 |
| 147,1-11 | 146 |
| 147, 12-20 | 147 |
| 148 a 150 | 148 a 150 |

A diferença de numeração se deve a algumas anomalias na transmissão do texto dos salmos. Alguns como o 9 e o 10, na realidade são um só salmo, dividido em dois de maneira arbitrária no texto hebraico. Outros são repetidos, como o 14 e o 53. Nada disto deve causar estranheza, se considerarmos, quanto aos salmos, um processo vivo de transmissão que durou muitos séculos.

São abundantes as expressões obscuras, as palavras os versos em mau estado de conservação, problemas gramaticais e ortográficos, etc. Isso explica, porque, nas diferentes edições da bíblia, encontra-se tantas diferentes traduções dos salmos. Ex. Sl 63(62), 9 – Eu me agarro a tí e tu me seguras com as mãos!

7 Uma Chave de leitura Popular!

Geralmente usa-se o gênero literário (súplicas, ação de graças, cantos de louvor, e salmos didáticos) para estudar os salmos. Visando encontrar uma chave de leitura popular, Frei Carlos Mesters, abriu 10 portas no livro dos salmos. Isso para que o povo entenda!

I – Nascedouro: _

Raiz de onde brota a prece na bíblia!

GRITO

Dor Fé
Certeza de Fé: Deus escuta!
(Pode bater na porta sabendo que tem gente que escuta)

76(77), 1 “Para Deus a minha voz eu grito ele me ouve”

Ouvi o grito que sai do chão dos oprimidos em oração!

Dentro da noite escura da terra dura do povo meu, nasce uma luz radiante no peito errante já amanheceu!

II – Fontes

Motivos mais freqüentes que provoca a prece:

- Passado – celebrar fatos da vida
- Futuro – esperança – Salmos messiânicos
- Presente – conflito entre o que diz a fé e o que a realidade apresenta Ex. Sl 72(73)
- Desejo de Deus
- Situações da vida – sofrimento ou alegria – Sl 90 “a dor é o que mais isola a pessoa” Sl 22
- Natureza
- Celebração – “Fiquei foi contente...”

III – Córregos

(Gêneros literários (forma)).

Louvor, agradecimentos, perdão.

IV – Rio

É a história. Os salmos são o lado orante da história do povo de Deus.

V – Barco

É o povo com sua realidade econômica, política, ideológica e social
Abridor de latas:

Quem está rezando e qual a situação que o leva a rezar?

O que ele espera obter através da prece para mudar a situação?

Qual a experiência de Deus (visão de Deus)

VI - Romeiros

O fulano que está rezando. A luta que cada um deve fazer para chegar a Deus.

“Sou, sou teu Senhor...” é um que reza, mas está presente todo o povo SI 130.

VII – Piloto

Re leitura à luz da comunidade que vivemos!

NT SI 41

VIII – Gasolina

Gratuidade (150)

Aliança

Fidelidade (1)

IX – Porto

Nova sociedade que queremos construir. Visão do futuro, projeto, utopia!

X – Mar

A experiência de Deus, que traços do rosto de Deus que aparece nos salmos.

Qual o significado do rosto de Deus! (146 – 138)

8 – Análise de alguns salmos

8.1 – Salmo 1 e 150

Os Salmos 1 e 150 dão a polaridade e a tensão que permeia a oração.

O Salmo 150 é marcado pelo louvor e gratuidade! Com as seguintes características:

É um convite para louvar a Deus e agradecer

Indica o lugar do louvor

8. Templo – comunidade

9. Firmamento – natureza

10. Façanhas – história

– Indica o motivo – “grandeza imensa”

– Indica os meios: instrumentos e dança

– É a expressão da gratuidade, do puro existir diante de Deus.

O Salmo 1 é o elogio do homem, que escolhe a Lei.

- Rezar, aqui, é meditar dia e noite
- Rezar assim, produz o resultado e torna o homem eficiente – frutos!
- Reza para poder observar a lei, para poder praticar o que Deus pede.
- É a expressão da preocupação com a eficiência observância, luta contra o mal, esforço que se deve fazer.

De um lado vemos a iniciativa de Deus, que chama e que ama, gratuitamente. De outro lado, a resposta do homem, que quer ser fiel ao chamado de Deus.

É a polaridade da Aliança: graça e Lei

Os fariseus insistindo mais na Lei, na observância, no esforço – os pobres, os anawin, insistindo mais no outro aspecto.

As pessoas com que Jesus convive e cresce no início da sua vida e que revelam o ambiente de vida e oração.

1 - Maria

Sabe os Salmos de cor

Sabe fazer salmos (magnificat)

Sabe descobrir, acolher a palavra na vida.

2 – José

Justo

Observava a Lei – salmo 119(118)

3 – Isabel

Reconhece a presença de Deus

4 – Zacarias

Sabe fazer salmos

5 – Simeão

Reconhece a presença de Deus

Sabe fazer cânticos

É neste ambiente de vida e com estas pessoas, que Jesus cresce e se forma – ambiente familiar e comunitário impregnado pela oração e pela consciência da presença de Deus.

8.2 - Salmo 139(138)

O salmo 139(138) é do período do pós-exílio.

É possível que se trate de alguém que foi acusado falsamente e apela para o tribunal de Deus que o conhece completamente. O acusado invoca duas virtudes fundamentais do juiz supremo:

- Seu conhecimento
- Sua imparcialidade e justiça em ditar a sentença

O salmo 139(138) é uma das mais profundas reflexões sobre o significado e presença de Deus em toda a literatura religiosa.

8.2.1 – Divisão

Primeira Trajetória: v. 1 - 6 – onisciência divina

1 – 3 – Tu conheces.....! 4 – 6 – Tu conheces.....!

O enunciado de fundo é: O homem com toda sua história e todo o seu ser está inteiramente presente a Deus (1 – 6). O verbo **conhecer** quer demonstrar que Ele tudo sabe, tudo pode e Dele não podemos fugir.

Segunda Trajetória: v.7 12: onipresença divina!

7 – 10 – Deus presente no espaço...! 11 – 12 – Deus presente no tempo...!

Mostra ainda a presença de Deus nas quatro dimensões do universo (altura, profundidade, oriente, ocidente) e nas duas alternâncias temporais (dia e noite) plenamente percorrida pelo olhar de Deus.

O homem na sua ilusória fuga de Deus descobre a impossibilidade de escapar de sua presença.

Terceira Trajetória: v. 13 – 18: a criação do homem!

13 – 15 – a criação...! 16 18 – o conhecimento divino...!

Reflexão dedicada à existência humana que vai de um útero (materno) ao outro (a terra) cf. Jó 3 e Jer 20. Mostra a existência totalmente perscrutada por Deus. Deus é sábio e seu conhecimento é criador.

Quarta Trajetória: 19 24: O julgamento divino (sobre o ímpio)

v. 19 – 22: contra os ímpios...! v. 23 – 24: sobre o orante...!

8.2.2 – Conclusão

Um grande itinerário do mistério de Deus, portanto: um mistério que não é sondável a não ser nos seus contornos, mas que é operante e eficaz. “Agora sei Senhor, porque não dais resposta... Tu és a resposta. Diante de teu rosto toda pergunta morre nos lábios”.

Em sua caminhada o homem tenta fugir de Deus. Qual direção? O salmo mostra que não é possível tomar um caminho que o afaste realmente de Deus. No último versículo evoca-se o salmista em marcha no caminho que lhe conduz (cf Jô 42, 1-6). Assim quem queria que o seu caminho fosse uma fuga de Deus chega a aceitar em caminhar com ele como guia e meta.

Deus não só conhece a existência do homem, mas dela participa com seu eficaz ato criador, com seu interesse pela realidade física e interior do homem, seguindo-o na sua história.

Ele conhece o homem e seu destino antes mesmo do seu nascimento (Sl 22,11) ao passo que, para o homem, o mistério é impenetrável.

O conhecimento de Deus, sua onisciência não é um controle implacável ou perseguição, mas participação afetiva e paterna cuja fidelidade é a salvação e libertação do homem. É fonte de esperança! (cf Prov 15,3; Zc 4,10; Sl 63,9). Não se trata de um juiz inquisidor!

Os versículos 13 18 formam um verdadeiro cântico do homem como vértice da ação criadora; fala da realidade mais gloriosa do ser: o homem. É um dos textos clássicos do AT no que concerne à afirmação da pertença a Deus desde o seio materno. “O homem é o microcosmo na qual se cumpre a ordem, a beleza, o esplendor e a perfeição do mundo”. Sófocles diz; “*numerosas são as maravilhas do mundo, mas a maior de todas elas é o homem*”.

O judeu Joseph Roth disse: “*No instante em que pude pegar entre meus braços o meu filhinho, experimentei um longínquo reflexo daquela inefável sublime felicidade*”

que devia culminar o Criador no sexto dia quando Ele viu a sua obra imperfeita, todavia completa... “... e Deus viu que era muito bom” (Gn 1,31).

O ser humano é conhecido por Deus desde o momento da geração. Deus nos conhece mais que nós a nós mesmos. O homem sente, portanto, que não é Senhor de seu destino e abandona-se nas mãos de Deus. Assim o homem é o prodígio, o milagre mais alto de Deus.

Para o AT o universo não é fruto do acaso, mas da iniciativa divina. Os seres não são mera existência, mas criação. O “fazedor” do homem é visto como Pai e sua ação criadora é entendida como gesto e expressão de sua paternidade (Cf Is 64,7; 17,7). Ele é Pai porque criou (M 12,10). “Filhos do Pai” e “criador por Deus” são expressões paralelas (cf Sl 139,13-15; Is 43, 5-7; 44,24; 45,5-10; Eclo 40, 1-II e Ct 4,12.15).

Dado que o Senhor criou o homem do “pó da terra”(Gn 2,7;3,19) ela aparece no papel de mãe que dá a luz fecundada pela chuva (Jô 1,21; 10,8-22; 38,25-30; Is 26,19; Jer 20,17; Sl 139,13-15).

7 – Desafios para Orar os Salmos hoje

Quem se esforça por orar cada dia os Salmos acaba identificando-se com sua linguagem e sua forma de nos por em contato com Deus. Mas é preciso não perder o senso crítico. O salmo 144 é um antigo hino de guerra. O 68 contempla Deus como um general à frente do exército do seu povo. O 149 se refere a uma dança de espadas. E isso sem falar nos salmos imprecatórios que pedem vingança contra o inimigo (59, 109 e outros).

O salmo 91 ora: “Caiam mil à tua direita; dez mil à tua esquerda. Pouco importa porque a ti, o Senhor vai proteger”. Orando desta forma, como aprofundar uma espiritualidade da Paz e da solidariedade?

Na Bíblia, a revelação de Deus é progressiva. No próprio livro dos salmos aparece esta progressão de um Deus guerreiro que “anda por cima das nuvens, cavalgando os querubins”(Sl 18,11) até a imagem de um Deus de amor e compaixão que cuida de nós e do qual se pode dizer: “Ele colocou a paz em tuas fronteiras e em teu seio abençoa os teus filhos”(Sl 147,13-14).

Não podemos continuar fazendo cultos pela Paz e pregar um Deus inclusivo, ao mesmo tempo usando salmos que revelam um Deus que parece excludente, intolerante e até cruel. Devemos atualizar a linguagem e o conteúdo dos salmos e de outros textos bíblicos.

Santo Agostinho dizia: “Quando o salmo ora, ore com ele, quando chora, chore com ele, quando dança ou bate palmas, dance e bata palmas com ele. Ele se tornará não apenas oração do passado, mas expressão viva de sua oração. Todas estas coisas que foram escritas são espelho de nós mesmos”.

Uma grande contribuição que os salmos da Bíblia darão à nossa oração é nos tornar capazes de transformar em salmos de hoje, nossas orações e cânticos e de viver a aliança de intimidade com Deus e em comunidade, como os salmos nos testemunham. Sem dúvida alguma, se nossas comunidades fizerem dos salmos um

importante núcleo de sua oração pessoal e comunitária, os outros cânticos e orações que compomos e usamos no culto e mesmo na prece pessoal serão impregnados desta natureza salmíca: a relação de aliança com Deus, aliança com o povo, principalmente o povo empobrecido e mesmo uma aliança de diálogo do orante consigo mesmo.

Como tão bem lembram os pais da Igreja, antes de nos ter como orantes, os salmos tiveram como interlocutor privilegiado o grande orante, o próprio Jesus de Nazaré, nosso mestre e senhor. Santo Agostinho não cessa de nos recordar: “Quando oramos os Salmos, é o Cristo que ora em nós. Por isso, quando oramos ou cantamos somos um só no Cristo e entramos na ação salvadora do Cristo no mundo de hoje”.

10. Conclusão

Uma vez pronto, o Livro dos Salmos começa a exercer uma função importante na vida do povo como manual de reza e livro de cânticos:

- Conserva a memória
- Educa o povo
- Reforça a fé
- Anima a caminhada, pois aprofunda o compromisso com a aliança

Resumindo tudo o que vimos eis aqui quatro chaves de leitura:

1. O Livro dos Salmos é o lado orante da caminhada do Povo de Deus (o povo rezava e celebrava a sua caminhada)

2. É uma amostra da reza do Povo de Deus, oferece um modelo de como rezar> Há salmos para todas as situações da vida humana que podem ocorrer entre o nascimento e a morte

3. O Livro dos Salmos que provoca a criatividade e levar o povo a fazer novos salmos. Há salmos espalhados por toda Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

4. O Livro dos Salmos serve como muleta. Na hora da secura e do abandono você sempre encontra ali alguma oração que expressa o que sente. Na hora de sua morte, Jesus encontrou nele a sua prece.

11 – Bibliografia

1 – MESTERS, Carlos. O Rio dos Salmos: Introdução ao Livro dos Salmos. CRB/ Ed. Loyola, São Paulo, 1993.

2 – BALLARINI, Teodorico e REALI, Venanzio. A Poética Hebraica e Salmos e outros escritos. Petrópolis, Vozes, 1985.

3 – MANNATI, M. Para Rezar os Salmos. Col. Cadernos Bíblicos, São Paulo, Paulinas, 1982.

4 – MONLOUBOU, L. Os Salmos, Vários Autores. Os Salmos e os Outros Escritos, São Paulo, Paulus, 1996.